

Antônio Carlos da Silva  
1975

# tríptico



S. João Baptista gravado por João Carlos

arte ■ poesia ■ crítica

# 3





# A M O R T A

... **E** tudo isto cabe dentro dum caixão de passaro! Cabem os dias e as noites, os monólogos infindáveis; cabe a ternura e a dor, cabem tôdas as construções imaginárias que nos sustentam.

A vida que é tão grande não tem pêso, o sonho sem limites não tem pêso... cabe ali tudo o que maquinou e remoeu e que é infinito ao pé dêsse farrapo inútil.

Agora que me vou despedir dela para sempre tenho de confessar a mim mesmo que sob essa agitação perpétua, sob êsse desespero perpétuo, só havia sonho e ternura. Isto durou um momento, mas durante êsse momento, que é a eternidade, arcou com a vida, atreveu-se a disputar à desgraça os últimos restos de ilusão, não se conformou com a desgraça num debate que só terminou quando foi ao fundo, talvez melhor fôsse a gente deixar-se ir logo para o fundo... Mas ela não

pôde: tinha de defender a vida dos seus e defendeu-a até cair amachucada por aquelas mãos de ferro que não perdoam nem quebram. Tinha de defender o seu sonho, e defendeu-o até tombar exausta, combatendo pela vida viva que nos acompanha até ao túmulo.

Talvez o seu sonho fôsse inútil. O sonho dos humildes é quasi sempre inútil. Talvez. Mas nêle entram como nos sonhos grandiosos, como em todos os dramas da existência, as estrêlas, o céu e o inferno. Entra Deus. E isto pesa toneladas. No desta figura que nunca sucumbiu estava também uma ternura extraordinária.

Até o seu desespero era ternura. E isto tudo que exige um tablado desmedido, e que liga cada ser ao vasto universo, cabe agora entre quatro tábuas de fôrro.

Maio, 1924.

RAÚL BRANDÃO.

## A ALMA DA RAINHA SANTA

**O** sarcófago de pedra florida que a Rainha Santa em vida mandou lavrar, hoje vasio do corpóreo despojo e que no meio do côro de Santa Clara-a-Nova estadeia a sua opulência cultural, é um dos melhores monumentos icônicos que em Portugal perduram, documentando a arte superior do comêço do século XIV.

Sobre a tampa do moimento alonga-se o vulto da Rainha, tal como o artista a conheceu, rôsto suave, mãos segurando contra o peito o bordão de peregrina e um livro, esmolneira plena. Fazem-lhe guarda em redor, encasados numa frondosa decoração edicular, Cristo e os Apóstolos, Santos, Santas, o Padre Eterno pequenino, Santa Maria, as figurações simbólicas dos Evangelistas.

Nada esqueceu ao escultor entre o que poderia agradar a sua real ama, na lavoura do cofre tumular.

Nem a alma!

Sobre o reverso do docelête rendilhado que protege a cabeça da Santa um anjo de asas altas e abertas conduz em toalha tufada a alma da Rainha, uma alminha nua, pequena e impúbere,

que emergindo da funda pregueada levanta as mãosinhas ao céu.

Admiremos, mas não atribuamos a inspiração pessoal do escultor tão poética concepção. Esta materialização da alma era corrente na arte do tempo. Na catedral de *Amiens* Abraão, sob a sua edícula mostra o seio, o regaço, pleno de bem-aventurados. No *Julgamento Final* de *Reims* o mesmo patriarca segura uma abada de figurinhas, e para êle gravemente se dirijem quatro serafins que sobre alvas toalhas, como oferenda votiva, conduzem cada qual sua alminha orante.

Um outro exemplo conheço, em Portugal, do mesmo simbolismo mediévico. No Museu do Carmo, de Lisboa, na primeira capela absidal do lado da Epístola, encontra-se um sarcófago de grandes dimensões, cujas largas edículas, figuras e decorações foram evidentemente copiadas do túmulo de D. Diniz que está em Odivelas. O baldaquino ornamental da figura jacente, um varão de sangue real ainda não identificado, mostra restos de uma figuração idêntica.

VIRGÍLIO CORREIA.



# Carta de longe

## À minha mulher

Minha adorada mulher  
Aqui vão em duas linhas,  
As saudades que adivinhas:  
— Tantas que nem sei dizer!...

Ando por terras estranhas,  
Longe do meu Portugal;  
— Atravessei rio e val',  
Terra chã e altas montanhas;

Mas onde quer que passei  
Senti-me sempre sózinho:  
— Lembrei-me sempre do ninho,  
Da rôla que lá deixei!

Este sol, que me alumia,  
É triste, nem dá calor;  
Não é como o teu amor,  
Que é sol de noite e de dia:

O Céu é mais desmaiado  
E assim a modos de estranho;  
Inda não vi um rebanho,  
Nem um pastor de cajado!...

Moro à beira dum lago  
De águas mansas como escravas:

— Antes quero as ondas bravas  
Do mar que nos olhos trago!

No pátio que se descerra,  
De tanta côr, às tardinhas,  
Eu procuro as andorinhas,  
Que vêem da minha terra.

E as andorinhas amigas,  
Nas curvas que vão traçando,  
Parece que estão marcando  
Voltas das nossas cantigas!

Adeus, minha companheira  
Das minhas dores e alegrias!  
— Agora, e todos os dias,  
Seja Deus à tua beira:

E lá do alto do Céu  
Te dê graça ao teu desejo...

— Mando-te a alma num beijo  
Do teu António, só teu! —

Pörtchasch-am-See, Junho de 1923.

Musicado por António Menano.

ANTÓNIO DE SOUSA.

## Rosas e cantigas

Eu hei-de despedir-me desta lida  
;Rosas? ;Árvores! ;hei-de abrir-vos covas  
E deixar-vos ainda quando novas?  
Eu posso lá morrer, ;terra florida!

A palavra de adeus é a mais sentida  
Dêste meu coração cheio de trovas.  
;Só bens me dê o Céu! eu tenho provas  
Que não há bem que pague o desta vida.

E os cravos, manjerico, e limonête,  
Oh, que perfume dão às raparigas,  
Que lindos são nos seios do corpête.

Como és, nuvem dos céus, água do mar,  
Flores que eu trato, rosas e cantigas,  
Cá, do outro mundo, me fareis voltar.

Maio de 1924.

AFONSO DUARTE.

## Rei

Quatro paredes brancas, sob um alto  
Tecto de estuque liso em alva cal,  
Onde a luz dum candieiro de metal  
Põe reflexos nocturnos de cobalto,

Eis o meu quarto! — o templo nupcial  
Do mais sagrado culto em que te exalto,  
Aonde os corações batem mais alto,  
P'ra que só dentro dêles o Amor fale.

Nesta hora serena em que me deito,  
E reclino a cabeça no teu peito,  
Doce como a carícia duma asa,

Sinto-me mais alegre e mais feliz  
Do que se fôsse rei do meu País:  
Pois sou Senhor e Rei na minha casa!

CAMPOS DE FIGUEIREDO.

## Cantigas ao vento

Quem fez a alvura do dia,  
Faria a noite também?  
Quem fez a nossa alegria,  
Fez a tristeza de alguém?

Quem fez a noite de estrélas,  
Que os navios vão seguindo,  
Faria as grandes procelas,  
As ondas do mar rugindo?

Quem fez o meu Portugal  
Faria o deserto imenso?  
Quem fez as almas do mal,  
Faria o céu em que eu penso?

Quem fez os astros da altura,  
Faria os corvos e as feras?  
Abandona a criatura  
Quem fez a luz das esferas?

Quem fez a paz do meu lar  
Fez as horas ltuosas?  
Quem fez as algas do mar,  
Faria os cravos e as rosas?

Quem dá vida às nossas vidas,  
Será quem nos fecha os olhos?  
E quem fez as margaridas,  
Faria os negros restolhos?

Quem fez a alvura da lâ,  
Faria os lóbos dos montes?  
Quem fez o alvor da manhã,  
Fez os negros horisontes?

Quem fez a minha tristeza  
Deu-me a Fé que me conduz?  
— Quem fez a nossa rudeza,  
Fez o Amor de Jesus?

Porto, Maio de 1924.

ANGELO CÉSAR.



# MONÓLOGO NAS TREVAS

“**E**stou aqui só, às escuras, num canto, roendo as mãos como um velho maníaco, chorando baixo como uma mulher abandonada. Todos se foram, porque lhes disse a verdade. A verdade é um manjar muito amargo. Todos se foram. Estou só. Os galhos das árvores estalam no pomar. A lâmpada não tem azeite. As flores murcharam na minha jarra. A chuva entrou pelas telhas, e cai-me gota a gota nos cabelos. Desde pequenino que eu mentia! O meu instante de não poder mais havia de chegar. Eles se consolarão: Essa mulher que dormia a meu lado, ainda é bela e moça. Encontrará outro que a tome nos braços, e se deite ao lado dela. Os meus amigos têm outros amigos. A minha mãe tem mais filhos. Só eu não tenho mais ninguém, porque não quero mentir mais. Diante de mim, só há um deserto. A meio do deserto, uma cova. Sobre o deserto e a cova, o silêncio. Para quebrar o silêncio, um só ruído: o baque dum corpo. Mais nenhum. Nem o dum grito sem eco. Há muitos anos que vivo, esgotei os gritos e as palavras. Já não sei mais mentiras. E agora, também já não sei mais verdades. A verdade é simples — diz-se depressa. O que demora é a chegar-lhe. Tudo o que é belo é assim: Quanto sangue pisado não custa uma virgindade? Quanta mentira amassada não custa um sonho? Quanta insistência na cegueira não custa uma fé? No entanto, um gesto desflorará aquela virgindade. Um ar de vento levará aquele sonho. Um lampejo escurecerá aquela certeza. Em tres frases, eu disse todas as minhas verdades. A minha mãe, disse: « Nunca te conheci por mãe! » A minha mulher, disse: « Nunca te senti minha! » E disse aos meus amigos: « Vós nunca fostes meus amigos! » Estou a ver a cara deles. Cheguei a divertir-me, e cheguei a desesperar-me; mas palavra que me sentia num trôno, e posto acima da minha própria humanidade. Oh! como os homens fazem dó! Enchem a boca de verdade, erguem estatuas à verdade, e matam-se pela verdade. Mas a verdade chega, nua e horrível como é. E os homens fogem, espantam-se ou indignam-se como diante duma coisa monstruosa. Cobardes, por-

que quereis fingir de valentes? O que custa não é morrer pela verdade, é viver com a verdade. Sim, estou a ver a vossa cara: Mãesinha, com que grandes olhos me fitavas! Deixa-me beijar-te os pés, mas deixa-me dizer-te a verdade: Tu não tens culpa, mas eu nunca te senti minha mãe. Se tu nunca me sentiste teu filho!... Como tu torcias os braços, pobre mulher que eu possuí virgem! Deixa-me apertar-te ainda, mas deixa-me dizer-te a verdade: Tu nunca foste minha, porque nunca me escolheste entre todos. Trouxeram-te para o meu leito, e foi por isso que ficastes a dormir nêle. Deste-te a mim como te darias a outro. O assombro com que me ouvistes, vós que vos julgastes meus amigos! Tomai ainda estas mãos, mas deixai-me dizer-vos a verdade: Vós nunca andastes comigo — por mim. Eu era inteligente, e talvez mais interessante que a maioria. Despertei a vossa curiosidade, e vós achastes que eu vos poderia entreter. Seguistes-me, e habituastes-vos a mim. Isso é ser meu amigo? Eu não tenho mãe, nem mulher, nem amigos. Como os poderia ter? Eu sou orgulhoso, concentrado, selvagem, cheio de alcapões e de contrastes — tão egoísta que não vejo o mundo senão dentro de mim. Depois, compreendo muitas coisas que é preciso não compreender. A ternura foge desta espécie de criaturas. O que até aqui me permitia conviver convôco, era isto: Eu mentia, vós menteis, e todos nós nos fingíamos enganados. Bateu a hora de caírem as máscaras. Depois de vos ter falado, eu voltei-me para mim próprio. E gritei, batendo na cabeça com as mãos fechadas para que as palavras me caíssem dentro como pedras: « Tu não és desta vida! Tu não és desta vida! Tu não és desta vida! » Porque a única verdade é esta, as outras são consequências dela. Bem eu fiz tudo para a repelir, ela foi mais forte do que eu. Por isso estou aqui só, às escuras, num canto, roendo as mãos como um velho maníaco, chorando baixo como uma mulher abandonada. Diante de mim há um deserto, com uma cova no meio, o silêncio por cima. Eu espero o último ruído que me resta: o baque dum corpo. »

JOSÉ RÉGIO.

## o caminho

**E**ntre a multidão havia um homem a quem chamaram Louco...

.....  
Todas as manhãs a multidão passava ao longo do caminho, entre os dois muros muito altos.

Ninguém entre a multidão pensava já nos muros, visto o caminho entre os muros ser já um velho Hábito para a multidão.

Um dia, um Homem, destacou-se da multidão e subiu acima de um dos muros para ver.

E viu campos e casas, árvores tão lindas e gente que nunca tinha visto, pois os muros tudo escondiam.

Chamou mesmo de cima do muro a Multidão e disse-lhe:

— Por detrás destes muros há lindas casas e lindos campos, velhas árvores e outras gentes, e vocês nunca os viram...

A multidão entreolhou-se desconfiando.

— Venham ver, dizia o Homem, que até há um outro caminho mais lindo do que este para nós passarmos todos...

A multidão voltou as caras e seguiu sempre, todos os dias, por entre os muros, muito altos...

E desde esse dia o Homem seguia sempre o outro caminho, o seu caminho, como ele dizia, feliz, da banda de lá dos muros.

.....  
Entre a multidão havia um homem a quem chamaram Louco...

ALBERTO VAN HOERTRE DE TELLES-MACHADO,

PINTOR.

## Evocação de São Marcos

**E**u tenho pelas velhas pedras, pelos velhos monumentos do meu país, uma grande, uma funda, uma enternecida veneração.

E' que esses monumentos, — castelos, catedrais, igrejas, túmulos, sarcófagos, — quando nêles poisam amorosamente os meus olhos, evocam-me um passado de grandeza e de elevação moral, revelam-me a alma sonhadora e heróica da minha raça, a caminho dum Além espiritual, — construindo uma Pátria sobre o duplo alicerce da Fé e da Honra.

Tenho por esses velhos monumentos, amorosamente cobertos da patine dos séculos, uma comovida ternura, porque junto deles o meu espírito e o meu coração têm sonhado os seus mais belos sonhos de força, de grandeza e de perfeição.

Amo essas velhas pedras porque elas têm dado à minha inteligência e ao meu sonho as melhores horas de refúgio da maldade, do egoísmo, da dor, da agonia da hora presente. Venero esses velhos monumentos porque êles dão-me em grandeza a fisionomia heróica do velho Portugal — sonhador, romântico, aventureiro e crente.

.....  
Mais do que nenhum outro, prende a minha sensibilidade e alarga o meu sonho este venerável Panteon de S. Marcos.

Ali, naqueles túmulos trabalhados de piedosos lavores, dormem os representantes mais lídimos da Lealdade e do valor dos nossos séculos heróicos. « Ali dorme, se é que não vela ainda, uma Raça de

(Continúa na página 6).



# VMA PÁGINA DE JOSÉ DE AZEVEDO

Arouca. Na cerca do Convento, à boca dos vinhedos. É sob uma noqueira velha, rente da fonte grande a que o outono escasseou a água.  
— Entardecer. Outubro morto.

— *E falaram-se, assim, as duas freiras:*

MARIA DO CÉU:  
E era linda?

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Nunca, em aspecto, pomba foi mais pomba, nem santa foi mais santa...

MARIA DO CÉU:  
Ah, era linda!...

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Deixai lembrá-la. Sei-lhe o geito e os modos. Disseram-me a sua graça.

MARIA DO CÉU:  
Contai, contai.

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Conto. Deixai lembrar-me, lembrá-la. Eu conto...

— *E depois dum silêncio.*

Assim anda perdida a sua imagem na memória e nas bôcas:

— *Uma pausa. O fio de água da fonte diz ao tange uma toada de água.*

«Tinha um corpito frágil de rebento novo. E eram seus olhos duas contas negras, e os seus cabelos fartos e compridos...»

A linha do seu pescoço era direita e branca...»

MARIA DO CÉU *atalhando*.  
Tanta beleza escondida num hábito... como o nosso!  
O meu pescoço, Irmã, também era branco. Agora já nem sei... ninguém o sabe...

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Parece que vos faz tristeza.

MARIA DO CÉU:  
Ah! Só se tór da tardinha!...

— *Um silêncio.*

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Scismais?...

MARIA DO CÉU:  
No que a traria ao Convento. Certo, penas de amor.

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Não.

MARIA DO CÉU:  
Então?

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Não sei...  
Aqui viveu como um lírio que se morre. Num hábito de freira...

MARIA DO CÉU:  
Assim negro?

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Como o nosso. Arrastou nobrezas de Rainha numa humildade de Santa. Foi Santa.

MARIA DO CÉU:  
E era Rainha!

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Dizem que até lá baixo, às grades do Convento, a acompanharam honras que merecia como filha de reis. Não que ela as quizesse. Outras maiores deixara, com con-

«Vem a morte e leva a gente...» diz a dorida Trova. Assim desapareceu este moço de tão estremecida sensibilidade—colhido aos vinte anos pela tuberculose, a doença dos poetas de Portugal, e que já Hipocratas dizia só tocar os indivíduos de quilate superior.

Morreu com uma canção ainda nos lábios, namorado de tudo que é belo na terra e no céu, e passou para Lá em pleno sônho, como num vôo. Escreveu pouco, em jornais e revistas, duma das quais — «Audácia», um título que era uma bandeira e que a morte lhe arrancou das mãos — fui eu colaborador de incipientes letras e imensa amizade.

E é bem a esta amizade saudável que procuro um eco na simpatia dos leitores, publicando «O Milagre de Estrêlas» — página que tem a simplicidade ingénua dum conto de fadas e a melancólica doçura dum adeus sem lágrimas.

A. de S.

tentamento, em terra estranha que p'ra Rainha a quizera.

MARIA DO CÉU:  
Pobre dela!... De certo adorada por Principes e Senhores.

Entre as gentes que a trouxeram... não vinham moços, cavaleiros?

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Não sei.

MARIA DO CÉU:  
Vieram, com certeza. É que ninguém se lembra!

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Se foi há tantos anos!

MARIA DO CÉU:  
Por isso, talvez os anos! O tempo empoeira tudo. Mas vieram, hiam de ter vindo. E' que ninguém se lembra!...

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Depois, foi de noite o seu acolhimento, noite escura.

Contam que só se via, lá fora, a estender-se no caminho, uma feira de luzes.

MARIA DO CÉU:  
Hiam de ter vindo... É que ninguém se lembra! Ela era linda... Hiam de ter vindo moços.

*Ha uma pausa.*

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Sim, sim, recordo. Vieram. Moços. Até um deles, cavaleiro, apareceu morto, ao outro dia. Era tão negra a noite que se despenhou numa cova funda com o cavalo.

MARIA DO CÉU: *num espanto*.  
Um cavaleiro morto?...

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Sim, lá baixo, a beira do caminho. Deram com êle de bôrco, no barranco. Tinha o peito rasgado! Fazia medo.

MARIA DO CÉU:  
Ah! Tinha o peito rasgado!

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Fazia medo.

MARIA DO CÉU: *a desenhar sua ideia*.  
Foi de noite, noite escura. Só se via lá fora, a estender-se no caminho, uma feira de luzes...

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Noite escura.

MARIA DO CÉU:  
Abriu-se a porta do Convento. Ela entrou...

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Entrou.

MARIA DO CÉU:  
Advinhava-se na sombra...

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Ah, sabeis?!

MARIA DO CÉU:  
Não, vejo. Advinhava-se na sombra o seu airoso vulto.

...Era mais fino o seu corpito frágil de rebento novo. E pareciam mais negras as negras contas dos olhos. A linha do seu pescoço.

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Era direita e branca.

MARIA DO CÉU:  
Ia perdendo, no escuro, a sua branca graça...  
Ninguém falava.

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Certo, ninguém falava.

MARIA DO CÉU:  
Direito, sobre a séla, avultava, entre todos, a figura do moço erguida estranhamente numa fria serenidade fidalga.

Triste, duma desvairada tristeza a esculpturar-lhe um orgulho de raça, tinha-se quedado a olhá-la. Ela era ainda uma presença a seus olhos... e êle já a sentia uma saudade...

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Hia de ser assim.

MARIA DO CÉU:  
Entre êles, estendia-se a vida. Fez-se um silêncio mais fundo. O moço foi mais sereno. Depois, entre êles, a porta negra do Convento... A vida... A porta é uma louza.

Além dela, só em saúdaes se vive.

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Hia de ser assim.

MARIA DO CÉU:  
Viram, então, o cavaleiro e moço ferir de rijo as ilhargas do cavalo. Afastaram-se as luzes, caminho abaixo.

Um galopar fantástico... às vezes, um reflexo acêso viscava na armadura do moço uma linha de lume. Um, e outro, traços de luz fulgiram incendidos... Depois, um último reflexo, maior, estilhaçado de lume...

Foi à borda do barranco. Dir-se-ia que aquêle último lampêjo fôra o estilhaçar do coração...  
E foi, e foi...

MARIA DA ASSUNÇÃO:  
Por isso ficou com o arcaboço desfeito!

MARIA DO CÉU:  
E eram de lume acêso, chispas do coração!...



# CARTA AO POETA

## ANTÓNIO ALVES MARTINS

Querido Poeta

**O** Angelo César é um estudante distinto que anda atarefado com os actos da formatura e só hoje, 26, me trouxe a oferta do seu livro « Mulher de Bençam ».

Estou cá longe e ia julgando que V., meu velho e querido companheiro de Coimbra, se havia esquecido de mim.

Mas; não! Cá veio visitar o seu irmão mais velho, no sacrificio das Musas, e com um enternecido cumprimento que eu — cantor enrouquecido — mal mereço.

Versos de inspiração, os seus, meu caro Alves Martins, eles nascem-lhe feitos: e é este o verdadeiro condão dos Poetas, — daqueles raros iniciados que a Natureza fadou para a cantarem.

Outros há que fazem os versos. Fazer os versos é tão feia acção como jurar falso.

E se há grandes almas que não têm voz, — essas que amem os Poe-

tas: Amar é o seu único destino e não é menor.

Identificam-se em espírito a Oração e o Deus.

Que seja ouvidos quem não souber cantar!

Aqui, em Portugal, toda a gente faz versos. Porisso os que realmente são Poetas, tão desamados são em Portugal.

O público anda extremunhado com tantos versos! Já não distingue a côr dos bons dos que são maus, e, pela lei do menor esforço, ou das maiorias, gosta em regra, dos peores. Sim. Fazer os versos é tão feia acção como jurar falso. A poesia não é mera questão de afinação verbal...

A « composição literaria » do lirico das Peninsulares só está certa dentro das « Escolas ». Nas « Escolas » e mãos dos « Namorados » e « Namoradas » que se escrevem em « sonetos » recortando adjectivos do « Candido Luzitano ».

Digo só adjectivos porisso que, verbo, não lhes faltará, e substantivo comum, são elles em demasia.

Mas, vinha isto à conta de *lhe* dizer que de todo o livro o que mais me agradou foi o « Ultimo Canto » pelo tom e linha constructiva, — que não é musicalmente o mais afinado.

Você, Alves Martins, (e também o lirico maioral Angelo Cesar), encontraram o Paraizo na Terra!

Para Vocês, meus queridos Poetas, não há traços a carvão, — riscos nas paredes, — êsses protestos das crianças, — rugas na fronte que medita, — linhas verticais, muito vincadas a caírem como raios sobre as nossas cabeças, — mas suaves curvilíneas, maciamente coloridas como o Arco-Iris, frescas e perfumadas como os ondulados outeiros pastoris, onde há frutas maviosas, como sereias das fontes, apascentando mansos cordeirinhos, — a paz religiosa das cousas.

O Amor o abençõe, meu querido Poeta, e *lhe* dê sempre nos seus versos as Horas da sua « Mulher de Bençam », para glória sua e admiração do

Coimbra, maio 1924.

AFONSO DUARTE.

### CORAÇÃO — Versos

« Coração » é um livro de versos de António de Sousa, a aparecer brevemente. Escusamos de elogiar o poeta, por ser bem conhecido em sua formosa inspiração.

### BARROS DE COIMBRA

« Barros de Coimbra » é o título duma série de lições que o poeta Afonso Duarte fez aos seus alunos e que brevemente virão a público em edição da « Empreza Lumen ».

### EVOCAÇÕES ALENTEJANAS

De Augusto Picão Telo virá a lume muito brevemente a conferencia que há tempos realisou na Associação Academica sobre motivos alentejanos.

homens fortes e justos; e por elles, por aquelas cinzas que já o Amor e a Fé abrasaram, vivem também, no seu tumulto de glória, — estremosa bravura, lances fatais, gritos, agonia, o orgulho e desgraça, — o choque das mais bravas batalhas e combates: Aljubarrota, Ceuta, Tânger, Alfarrobeira, Ouguela, Arzila e Azamor, a Índia — e depois Alcácer-Kibir!...

Ao lermos as crónicas e os epitáfios dèsses cavaleiros, aparecem também à nossa evocação enternecida austeras e nobres figuras de mulheres adoçando de carinho e ternura aquele bravo tumulto: D. Brites de Meneses, D. Maria de Vilhena, D. Guiomar de Castro, D. Antónia de Vilhena.

(Excerto do estudo « Panteon de São Marcos ».)

AGOSTINHO JORGE.

### F. T. MARINETTI

De Itália, *Marinetti*, enviou-nos uma série de manifestos acompanhados do livro « Les mots en liberté futuriste ».

Este movimento iniciado há

publicamos neste número  
uma separata de cantigas  
para o S. João

anos em Milão, encontra-se hoje por todo o mundo civilizado.

Nós, não somos futuristas, mas também não pertencemos á categoria dos intolerantes.

Todas as ideias dos homens nos interessam.

número

3

série

1

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Agostinho Jorge — Alberto Van Hœrtre  
de Teles Machado — Angelo César — António de Sousa —  
Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de  
Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões —  
Vitorino Nemésio

redacção: rua Dr. João Jacinto, 38

Coimbra

1

junho

1924



# fogueiras de S. João

## MOTE

**L**ivro de horas das solteiras  
Canta o cúco: hei-de casar.  
O' cúco das ramalheiras  
Quanta vez has-de cantar?

## VOLTAS

No São João as fogueiras  
E' saltá-las com folgado:  
Saltai-as moças, solteiras,  
Se quereis casar-vos cedo.  
— Queimou-se, ardeu a alcachofra,  
De manhã se renovou:  
Fagueiro vento me sopra,  
« Bem-amada » como eu sou.  
— São João, santo do povo,  
Bem-amada me deseja:  
Na água quebrei um ovo,  
O ovo se fez igreja.  
— Esmola dei a um pobre  
Na manhã de São João,  
E o pobre um nome descobre  
Que é só do meu coração.

AFONSO DUARTE.

**F**ogueiras, só sei daquela  
Ardendo no teu olhar.  
Raparigas, fazei roda  
A' volta dela, a cantar.

Que lindo ramo de cravos,  
Pareces mesmo um canteiro!  
Se deixasses, escolhia  
A tua boca primeiro.

Cravos, cantigas, fogueiras,  
Meu Amor, que lindas são!  
Os cravos são os teus lábios,  
O resto, o teu coração!

Oh! mocinhas de Coimbra,  
Cantai comigo também;  
As cantigas são fogueiras,  
Fogueiras, beijos de alguém...

LUÍS GUEDES DE OLIVEIRA

**T**enho dois limões à flor  
Por cima do coração,  
A não ser o meu amor  
Ninguém lhes há-de pôr mão.

Tenho duas cabacinhas  
Que me deu Nosso Senhor;  
Ninguém lhes toca, são minhas,  
Mato à sede o meu amor.

Tenho fontes, sou mulher,  
Cada uma em seu outeiro  
Feliz de quem cá vier  
Matar a sede primeiro.

Quando canto nunca penso  
No que virei a cantar:  
Quem chora não pede um lenço  
Nem pensa que vai chorar

JOAQUIM DE ALMEARA.

**E**sses teus olhos, Maria,  
São duas noites cerradas.  
Onde as meninas, coitadas,  
Têm saudades do dia...

Coimbra da fala doce,  
Nós somos como a Andorinha:  
— Já da manhã que nos trouxe  
Chama por nós a tardinha.

Minha mulher, minha mãe,  
Rosas da mesma roseira:  
— Dei a ambas minha vida  
Mas de diferente maneira.

Maria! tão lindo nome  
Para as bocas sequiosas!  
Maria: disse e ficou-me  
A boca a saber a rosas!

ANTÓNIO DE SOUSA

“**C**urto amor é desamor”;  
Decerto não pensarias.  
— A luz do sol enche o céu  
E morre todos os dias.

São tuas falas melhores;  
Ando por isso a temer...  
— Fazem-se as sombras maiores  
Quando o sol vai a morrer.

Ó boca da minha boca,  
Quem menos diz mais acerta;  
Fala pouco, não te chamem  
A mulher da boca aberta.

Minha boca há-de cantar  
Emquanto nela houver fala,  
Se não é do teu agrado  
Vem com a tua fechá-la.

BRANQUINHO DA FONSECA.

**C**omo és assim esguia,  
Magrinha como Jesus,  
Quando abres os teus braços  
Fazes lembrar uma cruz

As nossas almas são Uma!  
Simplex milagre de amor:  
— Quando se juntam dois rios,  
Fazem um rio maior

São azas brancas partindo  
Os lenços nas nossas mãos...  
Na hora da despedida  
Todos nós somos irmãos!

Cantigas de ao pé do berço  
Vem ouvi-las o Senhor  
— Nêste mundo são as mães  
Que, a cantar, rezam melhor.

ANGELO CÉSAR





1  
**A** terra de Portugal,  
 Fica tão perto do Céu,  
 Que Cristo, p'ra vir ao Mundo,  
 Foi por ela que desceu.

2  
 Que a graça de Deus me cubra,  
 E tão alegre me faça,  
 Que eu possa sempre sorrir,  
 Na ventura e na desgraça.

3  
 Morrer um filho! No Mundo,  
 Não pode haver dôr mais forte;  
 É tal qual como se a gente,  
 Assistisse à própria morte!

4  
 Quem canta para que canta?  
 Quem chora para que chora?  
 Quem canta nada adianta,  
 Quem chora nada melhora!

CAMPOS DE FIGUEIREDO

1  
**B**emdito seja o fulgor  
 Do luar em maré-cheia.  
 Bemdito seja o amor  
 Que toda a alma incendeia.

2  
 O' amor — candeia acêsa  
 Consomes toda a alegria!  
 Bemdita seja a tristeza  
 Que nos dá em cada dia.

3  
 Não cabe tanta ventura  
 Dentro do meu coração.  
 Eu ando p'la noite escura  
 Gritando-a como um pregão.

4  
 Tenho uma sorte bem alta  
 O bom Deus seja louvado!  
 Na vida nada me falta  
 Amor, se estás ao meu lado.

MANUEL LOPES D'ALMEIDA

1  
**P**odes deixar de nascer  
 Logo à noitinha, ó luar.  
 Que as fogueiras hão-de ser  
 Que nos hão-de alumiar.

2  
 Andei os dias do ano  
 À espera dêste dia:  
 S. João leva a tristeza,  
 Faz renascer a alegria.

3  
 Os milagres que tu fazes  
 Não os podemos contar!  
 Os que amam... fazem as pazes,  
 Quem não ama — encontra par...

ALEXANDRE D'ARAGÃO

1  
**A**s que amei foi tão sómente  
 P'ra te amar com mais ternura...  
 — Quantos actos faz a gente  
 Para uma só formatura!

2  
 Em risos que são rosais,  
 Mudas a voz doiradilha...  
 Pois olha... por pouco mais,  
 Foi Santa certa Rainha...

3  
 Saúde sem despedida  
 Não é saúde de amor...  
 — Que um beijo dado à partida  
 Faz a saúde maior!

CELESTINO GOMES

1  
**N**a noite do meu destino,  
 Ve-te o meu olhar aflito,  
 Qual ponto de luz brilhando  
 Nas trevas do infinito.

2  
 O' noite de São João,  
 Divino e louco arraial,  
 Céus e terra de mãos dadas  
 Neste velho Portugal!

3  
 Já a fogueira do Sol  
 Arde no alto da serra,  
 Vamos dançar, vinde tôdas,  
 O' moças da minha terra!

4  
 Quando noiva alguma estrêla,  
 A lua sorrindo lesta,  
 Vem mirar-se no Mondogo  
 P'ra ir mais linda p'ra festa.

FAUSTO DOS SANTOS JUNIOR

1  
**S**anto Antoninho — valei-me  
 Nesta hora de perdição.  
 — Vi um olhar que se foi,  
 Que levou meu coração.

2  
 S. Joãozinho, meu Santo  
 Das noitadas e fogueiras  
 — Livrai-me dos maus olhados,  
 Nesta vida de canseiras.

3  
 S. Pedro das chaves grandes,  
 Santo Porteiro do Céu  
 — Trazei luz a um caminheiro  
 Que a não tem, que se perdeu.

4  
 Ninguém, ninguém nos escuta;  
 Que crença que todos temos!  
 — Acenda-se outra fogueira!  
 Bailemos todos bailemos!

ALBERTO DE SERPA

1  
**R**aparigas e estudantes  
 São duas coisas amigas,  
 Se uma rima com descantes  
 Outra rima com cantigas.

2  
 Mondogo vai de mansinho  
 Pelos choupais, sem canseiras;  
 Passa o tempo no caminho  
 A falar às lavadeiras

3  
 A tua graça me acoite  
 E seja-me o teu olhar  
 O que um farol é de noite  
 Aos que se perdem no mar...

4  
 As tuas mãos, que eu desejo,  
 São dois fios de luar.  
 — Se nelas te der um beijo  
 Nem o podem segurar!...

JOSÉ CRESPO

